

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Dia (2.ª p.)

Class.: Índios / Saúde

Data: 25 de maio de 1980(2)

Pg.: SINR 00/2

Índios acusam: Pegamos doenças de branco

BRASÍLIA (A3) — Duas crianças Xavantes sob suspeita de poliomielite, esperando, com o pai, em uma barraca de lona, aproximadamente há um mês, sem terem ainda sido encaminhadas a atendimento médico, e uma mulher com catapora, alojada em um pequeno quarto, juntamente com outras seis mulheres e 10 crianças, uma já com sinais da doença, em abrigo mantido pela Fundação Nacional do Índio, em Brasília, na casa do Ceará, instituição destinada a migrantes, confirmaram as denúncias feitas pelos caciques Itamará, da Nação Guaraní, e Aniceto, Xavante.

Em busca de tratamento médico, com exceção de três Xavantes acampados em outra barraca de lona devido à falta de vagas, que esperam uma resposta da Funai sobre a demarcação da reserva de Kuluene, em Mato Grosso, assim como os migrantes e funcionários que trabalham na Casa do Ceará, estão expostos aos perigos de contágio e de virem até a propagar doenças às 12 nações indígenas de origem, quando a elas retornarem.

CORUPÇÃO

A situação do abrigo já foi denunciada à própria Funai, por Marcos, um Terena que com outros 14 índios de mais cinco nações

nele mora, estudando em Brasília. Segundo o Terena Marcos, ele fez a denúncia ao diretor do Departamento Geral de Operações, Coronel Godinho, contra a assistente-social Ildete Girão. Ele conta que ela tem em seu poder dinheiro para comprar medicamentos e roupas para os índios que delas precisam, e que só compra na Casa Nordeste. Segundo o denunciante, «ela só faz compras lá, e nós sabemos o porquê». Embora prefira não detalhar esse porquê, o Terena Marcos acrescenta que a kombi do DGO destinada ao serviço de transporte dos índios em Brasília fica à disposição dela. E Ildete, muitas vezes, paga as suas prestações, vai ao colégio buscar a filha, e usa o veículo em serviços particulares, prejudicando o serviço de transporte dos índios.

PERIGO DE CONTÁGIO

A disseminação de doenças no abrigo de índios, começa e ser um risco a partir da chegada de doentes. Sem qualquer exame médico prévio, os índios, doentes ou não, são alojados em dois quartos, cada um dos quais não ultrapassa três metros de comprimento por dois e meio de largura, um para mulheres e crianças, outro para homens. Há 10 beliches em cada. Quase sempre, o número de ocupantes

é superior ao de leitos. Quinta-feira passada, no quarto de mulheres estavam hospedadas 17 pessoas, sete mulheres e 10 crianças, em oito beliches — dois estavam sem colchões — e uma rede.

Em um dos beliches, Carmelita, uma xavante da Reserva de São Marcos (MTO), com dois filhos, Deusdado, de 4 anos, e Brasillino, mais novo, Carmelita contou que está no abrigo há três semanas. Veio em busca de tratamento para Deusdado, que é excepcional, em consequência de uma queda pouco depois de nascido. Ela espera que ele seja internado em um hospital, conforme lhe foi prometido.

Numa cama próxima encontra-se Angela Maria Monteiro, mulher branca de um índio da nação Gupenu, que está com catapora.

PROMISCUIDADE

No quarto dos homens, a situação não difere do alojamento de mulheres, índias, a não ser pela ausência de crianças. Quinta-feira última, nele estavam morando 11 índios, de oito grupos, com as mais diversas doenças. Algumas dessas doenças ainda não foram, sequer, diagnosticadas, como a de Uiri, um carajá da aldeia de Santa Isabel

de Goiás, Ilha do Bananal, que informa estar no abrigo; à espera de uma consulta médica, há quase um mês. Estou só, vim operar os dedos da mão», explica Uiri, mostrando a dificuldade que tem para movimentá-los. Dificuldade de locomoção também é o problema de outro carajá, de nome Terrabe. Ele quase não estava conseguindo andar. Desde fevereiro, em Brasília, já foi operado e convalesce. Assim como a pequena Kinira, dos urupá, o problema de outro jovem, Menaine, dos aramane, de Rondônia, é coração, diz ele. Operado, após três meses na capital do País, ele convalesce. O coração também faz triste Trumai, um jovem e franzino trikaó, da Aldeia Uavi, do Xingu, de idade não sabida, há mais ou menos um mês aqui. Trumai não está só, pelo menos tem um outro trikaó a acompanhá-lo, Palucá. Triste, mesmo, ainda mais, é Oscar, um jamamadi, do Acre, que tem um caroço no rosto.

No último dia 13, Itamará chegou à Funai, no setor comercial sul, antes do início do expediente, levando nos braços o corpo de seu filho, morto em um hospital de Luziânia (GO), nas proximidades do lugar onde mora.